

O CORREIO

DIRECTOR

Jorge Santos

SEMÁRIO MONARCHICO

EDITOR

Alberto Ferreira d'Agular

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor—Officinas movidas a electricidade—Rua da Cansella Velha, 70-1.º—PORTO.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario—MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO = N.º 24 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 17 de Maio de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 63 n.ºs, 18000 reis — Serie de 35 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da Uniao postal) — serie de 35 n.ºs, 15 francos (ou 36000 reis). Serie de 32 n.ºs, 8 francos (ou 18000 reis). Brazil: serie de 53 n.ºs, 80000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 50 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.

ANNUNCIOS—Na secção de annuncios 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

Quem é a futura Rainha de Portugal

ENTREVISTA

Com a Senhora Marqueza de Rio-Maior

O baptisado de Sua Alteza a Senhora D. Antonia de Bragança

—Eu tinha cinco annos quando se baptizou a Infanta Senhora Dona Antonia de Bragança—, conta a Senhora Marqueza de Rio-Maior—E apesar d'essa tenra idade, já porque o baptisado fosse de estado, já porque fosse essa a primeira festa de estrondo que os meus olhos viam, o facto é que se me ficou gravado, e lembro-me, mas lembro-me de ter assistido. Foi para as janellas dos aposentos dos ajudantes do Paço de Belem, janellas que davam para o largo, que a minha mãe me levou a vêr o desfile. Uma riqueza! Talvez a ultima festa com grandeza, com esplendor em Portugal! Imagine que desde o altarmór até cá baixo ao ultimo degrau de pedra, até ao largo da Igreja de Belem, desciam duas alas de archeiros, com brandões acésos, ricamente fardados. Os nossos coches antigos, mais numerosos, e muitos d'elles mais ricos do que os que chegaram aos seus dias; o apparatus d'uma corte ainda rica, tudo se juntou para fazer do baptisado da Infantasinha um deslumbramento. Eu apanhei n'esse dia uma perlice, porque gostei tanto de vêr a corte, que queria á fina força ir com os paes, para a meza do jantar de gala. Pois eu tinha muito d'aquillo tudo, depois mandam-me para casa, achei que era uma maldade!

E, com um sorriso de reconciliação com a lei da vida, a Senhora Marqueza de Rio-Maior exclamou:

—Ora veja como eu sou velha!...

Lembrámo-nos da phrase do Conde de S. Leger, o Marquez da Bemposta e Suberra, pae d'esta Menina Suberra que quando o Imperador ou ao depois Pedro v alludiam aos seus feitos militares, se zangava todo, respondendo:

—«Militar valente é um insulto! Quem diz militar, já se sabe que diz valente!»—, e dissemos para a Senhora Marqueza de Rio-Maior:

—Uma Senhora que conhece a sua idade, nunca é velha!—(E ajuntamos): —Demais V. Ex.ª tem a memoria dos vinte annos e conserva as suas dedicações e amizades em verdadeira primeira.

—Na minha memoria só ha des vieilles histoires! agora dedicações essas tem as raizes seculares dos meus Paes e Avós. Monarchica, isso sou, e olhe que ainda se me não dava de tomar parte n'uma bernarda!...—E a Senhora Marqueza de Rio-Maior, com o castanho fixe das suas pupillas luzindo fe e bom humor, accrescentou: No tempo dos meus Avós era-se condemnado a morrer enforcado, queimado, e as cinzas deitadas ao mar. Ora estes agora estou que nos não reduzirão a torresmos. Lá na Alhandra dizem:—«Nós se matassemos

V. Ex.ª, convinha-nos. Sempre era uma fidalga, e nós não temos cá outra...»—Mas até hoje lá tem ido passando sem a gloria de matarem uma «canastra»!



Principe Guilherme de Hohenzollern

PAE DA NOIVA DE EL-REI

O casamento de D. Pedro V

Rio, encolheu os hombros, e com essa naturalidade, das velhas raças, que dá a suprema distincção—, a distincção natural—, a Senhora Marqueza de Rio-Maior continuou a narrar Historia de Portugal:

—Em 1857 casou o Senhor D. Pedro

v com a Princesa Estephania, irmã do Principe Leopoldo de Hohenzollern. O casamento foi negociado pelo Conde de Lavradio, bis-avô do meu sobrinho José, o Marquez de Lavradio. Por procuração recebeu a Princesa o Duque da Terceira, realisando-se a cerimonia na legação de Portugal em Londres. E, tanto para o Senhor D. Pedro v como para a familia Hohenzollern, o Terceira ficou-lhes ligado por esse honroso laço. —Tenho a minuta do telegramma d'El-Rei D. Pedro v á Princesa de Hohenzollern, communique-me a morte do Terceira—, diz a Ex.ª Sr.ª D. Maria Joaquina Saldanha da Gama

da Gama voltava d'ahi a pouco com um sobrescrito, d'onde entre outros papeis tirou o referido telegramma.

—E' do proprio punho d'El-Rei D. Pedro v.

E patentou-nos a larga folha de papel, já com a patine de meio seculo, em que na letra regular do muito amado se lê:

«Lisbonne, 27 Avril.

«Le Roi de Portugal

A' la Princesse de Hohenzollern Sigmaringen.

Durreldorf.

«Duc de Terceira mort hier soir.
«Je suis sûr de la part que vous prenez à ce triste événement; son nom nous rappelle de bien chers souvenirs.
«Je compte vous écrire prochainement, et attends avec impatience des lettres de Berlin.

Pedro,»

—Os «bien chers souvenirs» eram da representação do Duque da Terceira no casamento. Durreldorf era a capital do principado de Hohenzollern, que depois da guerra de 70 foi incorporado na união dos estados germanicos fundidos no Imperio—, accentua a elevada Senhora, cuja illustração é tradicional nas senhoras da familia Ponte, o que explica a disciplinada vastidão do espirito d'Ayres d'Ornellas.

—E esses outros papeis...?— perguntamos nós, indicando outras folhas de papel emarellecidas, já gastas nas dobras que vinham no mesmo longo sobrescrito, de officio.

—Vá convidado a Marqueza, que pôde ser que tenham alguma relação com o que ella disser.

Retomeu, então, a palavra a Senhora Marqueza de Rio-Maior, cuja memoria não guarda apenas o indice do archivo familiar, mas tambem as raridades bibliographicas dos diversos assumptos que vae narrando, como o proprio catalogo moderno:

—Esta notasinha que vcu contar agora é já deerto do seu conhecimento, porque a propria Rainha Victoria o conta e confessa nas memorias. A Rainha Victoria de Inglaterra gostava muito do Senhor D. Pedro v, e quiz muito casal-o com a filha, que foi depois a Imperatriz da Alemanha. A differença de religião não permitiu essa união; a Rainha Victoria pensou então em casar D. Pedro v com a pobre Imperatriz D. Carlota, hoje viuva do Imperador Maximiliano, do Mexico, irmão do Imperador da Austria. Mas antes da Princesa Carlota casar com o Imperador Maximiliano, casou o Senhor D. Pedro v com a Princesa Estephania. Ainda ha em casa do José um quadro representando essa cerimonia, vendo-se figuras historicas da época. Terminado o casamento por procuração, a Rainha Estephania telegraphou a El-Rei:

«La cérémonie a eu lieu. Que Dieu nous bénisse!»

—O Senhor D. Pedro v respondeu:

«Ainsi soit-il!»

(M.ª d'Ornellas e Vasconcellos) mãe do conselheiro Ayres d'Ornellas, illustra Senhora que assistia á erudita conferencia historica da sua prima Marqueza de Rio-Maior.

Suppúnhamos que tivesse esse documento em Lisboa, mas não, tinha-o em Paris, alli á mão. E, levantando-se, a Senhora D. Maria Joaquina Saldanha

Depois, já se sabe, realison-se em Lisboa o casamento, a que eu assisti. As filhas das damas tiveram licença de ir assistir, ficando por traz das damas. A cerimonia, que foi em S. Domingos, teve uma serie de peripecias, que esqueceriam, se não houvesse sido tão breve a passagem da querida Rainha Estephania por este mundo. N'um dado momento, appareceu na frente da Noiva do Senhor D. Pedro v uma gotta de sangue: era a corôa, muito pesada, que lhe ferira a testa. Pediu, então, a Rainha Estephania que lh'a substituissem por uma grinalda de rosas, que se usava muito n'aquelle tempo nos saras e nos theatros. Assim se fez. Mas quando o povo viu passar a Rainha com a corôa de rosas brancas na cabeça, começou a gritar: «Coitadinha! Já vas de capella, vas morrer, vas amortalhada!» Outro episodio: A porta do templo estava um grupo allegorico do hymeneu, de Cinati. O vento fortissimo, que soprava n'esse dia, atirou a terra a escultura, quebrando-a. Parecia que signaes fatidicos seguian o cortejo nupcial.

Um sarau no palacio do Conde da Carreira

— Era bonita a Rainha Estephania? — Era muito elegante, e muito distincta. Uma unica feição menos bonita: a fronte que era curta. Mas os olhos eram do mais limpidio azul que pôde imaginar. No olhar residia toda a sua belleza, toda a sua seducção, e resplandecia toda a sua grande alma purissima.

— Tratou-A?

— E já lhe conto em que curiosas circumstancias eu tive a honra de fallar pela primeira vez á Rainha. Foi n'um concerto em casa do Conde da Carreira, preceptor de D. Pedro v e de D. Luiz i. O Conde da Carreira era amador de musica, e dava concertos intimos. Pouco tempo depois do casamento d'El-Rei D. Pedro v, o Conde offereceu um dos seus selectos concertos aos Noivos reaes, a que eu assisti, com a minha mãe e com o meu pae que andára com os Principes ao collo. Eu tinha então 14 annos, e era conhecida pela Menina Subsera. Pois, a Rainha Estephania teve a bondade de se dirigir a mim, e perguntar-me, n'um portuguez menos mau:

— «Então como está a sua garganta, menina Subsera?»

Fiquei admirada que Sua Magestade estivesse ao facto da operação que eu tinha feito, por aquella occasião, ás amygdalas. Ella continuou a perguntar-me se estava na quinta, se não gostava mais de viver em Lisboa, como se fosse, não uma princeza allemã, casada, havia semanas, com o Rei de Portugal, mas uma das amigas da minha mãe que diariamente me visse. Conteí o caso, e todas as pessoas a quem o contava, me respondiam que lhes succedera outro tanto. Estava toda a côrte assombrada com o conhecimento que a Rainha Estephania tinha das pessoas que

Rainha Estephania andavam sempre juntos, passeavam as alas dos jardins, como dois noivos. O Senhor D. Pedro v era aquelle principe scismador e grave, discipulo de Herculano. A Rainha Estephania era a pureza germanica dulcificada, poetisada pelo sentimento catholico. Foi a Rainha Estephania que mandou traduzir do allemão para portuguez *A Moral do Evangelho*, para uso dos parochos, livro que não existia em Portugal.

A Rainha Estephania fundando Hospitales

Os olhos da Senhora Marqueza de Rio-Maior, alagando-se de emoção, annunciaram passagem triste:

— Coitadinha! fez muito o bem no pouco tempo que teve de felicidade e de throno que tudo se lhe foi com a vida em poucos mezes. Como sabe, El-Rei D. Pedro e a Rainha Estephania não quizeram que se gastasse dinheiro com festas do casamento. O dinheiro que o Municipio de Lisboa destinava ás festas foi empregado em fundar o *Asylo da Ajuda* para amarelentos e colericos, para cujas enfermarias foram chamadas as primeiras Irmãs de caridade, as de S. Vicente de Paula. A Rainha Estephania interessava-se muito pela fundação de hospitaes nas pequenas localidades de provincia. N'uma viagem que fez ao Ribatejo, deu dinheiro para o hospital que a minha mãe queria fundar, como fundou.

— Era a preocupação da época, o hospital!

— Se lhe parece! No Rocio fecharam casas inteiras, por ter morrido de febre amarella toda a familia. Era um horror. O meu pae que já fora dado por morto, de febre amarella, na Martinica, acompanhava o Senhor D. Pedro v, e tornou a apanhar a febre; fui eu que o tratei. Ha um quadro historico representando D. Pedro, acompanhado de duas Irmãs de caridade, tratando os doentes da epidemia. Uma das senhoras que se vestiu de Irmã de caridade, para esse quadro, foi a Viscondessa d'Asséca, Dona Marianna. O reinado de D. Pedro v foi muito triste. Elle tão bom, de tanto valor pessoal, e a sorte não o deixou ser feliz; teve um reinado desgraçado: o chólera, a febre amarella, as inundações! Elle que já era triste, mais triste se tornou. O throno para aquelle Senhor foi sempre um grave dever. Não amava o fausto.

Uma carta autographa d'El-Rei D. Pedro V

— Tenho aqui a prova! — apoia a Senhora D. Maria Saldanha da Gama d'Ornellas e Vasconcellos.

E, n'um sobrescripto pequenino, começo por nos fazer notar as armas em laçre negro, intacto:

— Vê, nunca mais deixon o lueto. Nem fardado calçava luvras brancas.

Depois deu-nos a lér o seguinte endereço que reproduzimos em simile-gravura:

Meu caro Conde.

Meu da minha fazenda

de

iam ao Paço. O que tinha sido? Fôra o Senhor D. Pedro v que, antes do casamento, mandara á Senhora D. Estephania um livrinho com os nomes das pessoas com quem Ella ia conviver, e a proposito de cada uma lhe dera as notas necessarias para a Rainha conhecer a côrte, e poder desde logo conversar, ao agrado de cada um, como se de velha data conhecesse a nobreza portugueza. Ella tivera o cuidado de decorar o livrinho, e tirou optimos resultados da sua paciencia.

— Era a Rainha Estephania tão estimada como affirmo a tradição?

— Mais ainda se é possível. Disputavam-A o amor do Esposo e Rei, e o amor do Povo. El-Rei D. Pedro v e a

Meu caro Conde.

*em dia 15 de cimento tercioiro
empilhando a noção ao Alem-
tejo, de que lá dias lhe faller.*

*Inevavelmente me não levantei.
sei as progammas que, nos ca-
ras deias, me tinha sido obrigada
a fazer cunhar em cara. Conto pelo
menos com um nuç de avaricia,
que ipere continha nasas vertebra
teuimento da minha saude.*

*O Conde nomeara um de meus
1.ª pag.*

*e encarregado de servir de
nuç e o não de accordo com
e encarregado de servir de trans-
mitta*

*As jóias daria para entrega
dos fundos destinados a supprir
o garter não meirito.*

*A cara de dragamta nodaria
sem inconveniente fornecer
parto de dinheiro. queira o Con-
de requirita. e em meu nome,
ao administrador a quem eu
melillo lio de contratar um mil
mente).*
2.ª pag.

*Requer-se a minha comi-
tada ao ministro de reino, a
um camarista, dois ajudan-
tes de campo, um medico e o
intendente das cavalarias.*

*O Conde nodaria, querendo,
responder. se como Santos
sobre qualquer necessidade de
servico.*

De Lisboa

Lisboa, 10 de Outubro de 1860.

3.ª pag.

— Um anno depois do fallecimento da Rainha Estephania!

— Quinze mezes depois —, emendou a stenographica memoria da Senhora Marquiza de Rio-Maior. A Rainha Estephania acompanhava muitas vezes S. M. o Senhor D. Pedro nas visitas aos enfermos da epidemia. Mas não foi n'essas visitas que Ella encontrou a morte. Tinham ido a Vendas Novas, inaugurando a linha do caminho de ferro, se me não enganar. Lembro-me que a locomotiva foi toda enfeitada a dhalias. A Rainha Estephania cont'ahia n'essa viagem uma angina diptherica; não lh'a conhecem, e em 24 horas morre.

Os ultimos momentos da Rainha Estephania

— Morreu no dia do Anjo Custodio do Reino! — continuou a Senhora Marquiza de Rio-Maior. — Havia uma prophacia popular que dizia que no anno em que a festa do Anjo Custodio cahisse a 17 de julho, haveria lucto nas testas coroadas. O dia do Anjo Custodio, que é no 3º domingo de julho, n'esse anno de 1859, cahiu a 17 de julho. A Rainha Estephania conheceu a morte. Quando a Imperatriz se chegou ao leito d'ella, a Rainha disse-lhe:

— « Os mosquitos já não acham o sangue tão doce! »



E ao expirar, deu estas palavras para a Imperatriz:

— « Peço á Avó que mande dizer aos meus Paes que os dias mais felizes da minha vida os passei em Portugal. »

— Aqui tem a carta do Principe de Hohenzollern... — ia a dizer a Senhora D. Maria Joaquina Saldanha da Gama d'Ornellas e Vasconcellos.

Mas n'isto entraram no salão do hotel onde se hospedam as illustres senhoras, Madame Pascal, a Vicontesse de Semanville, Madame Lucas, meia duzia dos milhares de relações e parentes que a descendente portugueza do Senhor de Hyde de Neuville tem na aristocracia franceza.

— Agora não podemos continuar. Fica para amanhã —. (lamentou a Senhora Marquiza de Rio-Maior. E gracejando sempre) — chegaram estas primas!... Sou prima d'ellas todas, como em Portugal sou a tia Maria de tres gerações!...

E, sempre de bom humor, com a mesma decisão que lhe permite dispensar o ascensor do hotel, correspondendo-se com a Europa inteira, visitar os salões da sua extensa familia franceza:

— Amanhã temos a tarde por nós. E vale então tudo. Fallaremos, então, da segunda ligação da casa de Bragança com a casa Hohenzollern, do casamento da Senhora D. Antonia de Bragança, de muitas outras coisas dos nobres senhores de Sigmaringen, e, emfim, da graciosa Noiva d'El Rei D. Manuel, a futura Rainha Victoria de Portugal!

Como sempre, um trecho de historia vinha já a aflorar:

— A camareira-mór da Princeza Hohenzollern... —, mas uma voz agradável, portugueza reclamou-a.

Joaquim Leitão.

ECHOS

Jornaes suspensos

Já recommençaram a sua publicação os nossos illustres collegas *Dia, Nação e Socialista*, todos elles suspensos durante alguns dias por ordem do governo.

Felicitemos esses nossos illustres collegas pela suspensão e pelo seu reaparecimento.

Os acontecimentos que deram causa á suspensão andam tratados por varias maneiras não tenha, como não tem aquelles de que se trata, a fama de serem de honestos nos seus processos, — é, diziamos nós, o ficar de logo sabendo o publico que d'esses acontecimentos havia a dizer e a contar cousas que o governo não quer que se saibam, e portanto que lhe são contrarias e prejudiciaes.

E o publico ficar sabendo isso é vantajoso, pois se não tivesse sido suspensos os jornaes, ella poderia ficar suppondo que a causa fora apenas o que tem dito as gazetas que não sofferam perseguição.

Por isso felicitamos esses nossos tres illustres collegas, aproveitando a occasião de nos felicitarmos a nós proprios por essa suspensão que por ter sido anterior á publicação do nosso ultimo numero nos dispensou de dizermos o que sobre os acontecimentos tinhamos a dizer, visto que para o publico tanto faziam que o essemos, como que o não fiassemos, pois, em ambos os casos o publico o ficaria ignorando: no primeiro porque a suspensão do jornal o privaria do grato prazer de lêr a nossa amena presa, no segundo porque nada dizendo nós, nada o publico ficava sabendo.

Haja, pois, felicitações geraes aos nossos illustres collegas, a nós proprios, aos nossos typographos, ao nosso pessoal, e aos policias que no caso contrario teriam apanhado a estopada de nos rondar a porta.

Pelo reaparecimento da *Nação*, do *Dia* e do *Socialista*, felicitamol-os tambem a todos; aos nossos illustres collegas, a nós proprios, aos nossos typographos, ao nosso pessoal e tambem aos policias. Aos nossos illustres collegas porque os vemos de novo lançados na luta, que elles amam, como luctadores energicos que são; a nós proprios, ao nosso pessoal e aos nossos typographos porque, admiradores entusiastas d'esses nossos illustres collegas, nos é dado a todos lêr-os de novo com o prazer de sempre. Aos policias porque, além de se virem privados da estopada de rondarem as portas das typographias, lhes é dado tambem lêrem tres jornaes que atacam uma Republica que a policia, talvez melhor que ninguém, sabe o que vale, o que póe e... onde vai parar.

Felicitações geraes, pois, repetimos.

Tambem foram suspensos por um ou dois dias o *Intransigente* e as *Novidades*.

O *Intransigente* achamos muito bem feito que fosse suspenso. A tolice humana tem limites, e nós não reconhecemos ao sr. Machado dos Santos, pelo facto de ter sido armado heroe na Feira de Agosto, o direito de ultrapassar os limites marcados ao resto da Humanidade.

Não sabemos se os outros heroes, desde os de Homero até aos da defeza de Chaves, se maguarão pela sem-cerimonia com que nos referimos ao seu collega da Rotunda, mas deverão reconhecer em todo o caso que a verdade deve sempre dizer-se, desde que, é claro, lhes não vá lá estragar o arranjinho dos feitos heroicos que se convencionou terem praticado.

Ora a verdade é que o sr. Machado dos Santos excedeu os taes limites apontados.

Sua Senhoria é deputado. Como deputado fallou na Camara sobre os acontecimentos, e ao fallar d'elles tão moderado, tão prudente, tão amigo da ordem foi, que nem teve uma revolta, um gesto de protesto, um brado indignado contra as insolencias que o chefe do governo lhe dirigiu, e antes se encolheu em miserandas explicações, emquanto o resto da Camara o tratava como um farrapo.

Pois este heroe que tão mansamente se pronuncia na Camara sobre os acontecimentos de que resultaram a prisão e o tratamento barbaro de amigos seus, de amigos dedicados, de companheiros de luta, de homens que se lhe devotaram e que elle ainda ha pouco incensava no *Intransigente* apontando-os como os mais nobres exemplos de fidelidade e do dedicacão a uma ideia; este heroe que tão prudente e moderado se mostra quando em plena Camara, chasqueando do seu heroismo e insolentemente e esfarrapam; este heroe sae da Camara, mette-se pacatamente n'um electrico e vem então para o jornal dizer cousas que muito bem poderia ter dito, sem que lhe podessem tolher a voz, na Camara de que faz parte, na Camara á qual se suppõe que o mandaram os seus eleitores para que lh'a dissesse as verdades que tinha a dizer, e não para que as calasse alli, onde ninguém lhe podia tolher a voz, e

as viesse dizer depois n'um jornal que um policia pôde impedir de circular.

Não, lá isso tenha paciencia o Sagrado Tribunal, mas a apprehensão do *Intransigente* não nos revolta. Quem tem que dizer alguma cousa ou a diz em todos os campos, ou cala-se. Ora o sr. Machado dos Santos tem, segundo parece, varias cousas a dizer acerca dos acontecimentos.

No Parlamento, onde as podia dizer, não as disse.

Pois diga-as no Parlamento, e diga-as com coragem, com altivez, em vez de as tentar dizer no jornal onde lhe podem impedir que as diga.

Que diacho! Um homem é um homem, mesmo quando é heroe da Retunda, e um gaú é um bicho, mesmo que seja Angola!

Com respeito á apprehensão das *Novidades* coute-nos surpresa.

Esse jornal tem passado a sua vida a fazer equilibrios na corda bamba, e tem mostrado ser equilibrista notavel que pouco olha ao genero de maromba a que se agarra.

Imperturbavel viu cahir a Monarchia e em equilibrio ficou, sem que desse sequer a entender que notára a mudança da maromba.

Agora poz um pé em falso e veio ao chão.

Profundo desgosto deve ter tido com isso o sr. Hygino de Mendonça, elle que como official de marinha e como jornalista tem sabido sempre ser um adepto fervoroso das instituições, quer sejam monarchicas quer sejam republicanas, e um ardente acatador de ordens, sejam ellas quaes forem.

Lamentamos, pois, a apprehensão das *Novidades*, pelo desgosto que deve ter tido o seu director com um facto que poderia fazer suppr'ôr que elle não está prompto a curvar-se sempre perante quem manda, e pelo desgosto que tivemos de estarmos privados durante algum tempo da leitura dos brilhantes artigos de Rocha Martins.

Officios

Porque o sr. Brito Camacho disse na *Lucta* que, El-Rei D. Manuel está em boa idade para aprender um officio, observamol-o os *Ridiculos* que o sr. Camacho aprendeu um officio e deixou-o para andar na politicos.

A resposta á certa, mas convem notar que o sr. Camacho, entrando na politico, não fez mais que mudar os processos de applicação do seu officio, que era o de medico.

Como medico, e muito mau, que era venenava os doentes com drogas. Como politico envenena amigos e adversarios com todas aquellas intrigas e em que anda metido e nas quaes é mestre tão notavel que até o sr. João de Menezes, quando está mal com elle, lhe chama a Brinvilliers da politica, ao que o sr. Camacho responde chamando ao outro... a *Givaldinha*.

Elles lá se conhecem.

Não leva...

Os *Ridiculos* amavelmente nos advertem de que nos leva o diabo se continuarmos chamando futura Rainha de Portugal á noiva de El-Rei D. Manuel.

Desculpe-nos o nosso illustre collega, mas não comprehendemos bem porquê.

O Rei de Portugal é o sr. D. Manuel, hoje em viagem no estrangeiro. Por conseguinte não se desloca o sr. D. Manuel é a futura Rainha de Portugal.

Não vemos que o dizer isto possa fazer com que nos leve o diabo, nem com que o governo da Republica, encarregado de gerir os negocios do paiz durante a ausencia de El-Rei, possa vér nas nossas palavras motivo para fazer com que o diabo nos leve.

De resto, temos cá uma vaga desconfinça que o diabo, ainda que o governo o quizesse, não nos levaria.

O sr. Alfonso Costa tem tido uma tal habilidade de desconter todos, que, tendo-se posto de mal com Deus, já está agora de mal tambem com o Diabo.

Os ultimos acontecimentos o demonstram.

Os acontecimentos

Tem visto os nossos leitores as rapidas allusões que o nosso illustre correspondente em Lisboa tem feito aos acontecimentos que marcaram o final do mez passado e o principio d'este e podem vér no nosso echo de hoje, intitulado *Jornaes suspensos*, que além das allusões feitas nas *Cartas de Lisboa* nós entendemos preferir não fazer considerações sobre taes factos, desde que está provado que não é permitido fazer as que elles mereçam.

Em todo o caso nós não faz mal ao governo, — e nós, como monarchicos, o que sinceramente desejamos é que nos não deem por enquanto a terra o sr. Alfonso Costa, — que façamos notar parecer-nos que vem já fora de tempo e é claramente esforço temerario, pretendem alguns jornaes republicanos lançar agora sobre os monarchicos quaesquer responsabilidades na patacoada de 27 de Abril, tentando descobrir quaesquer ligações entre elles e todos esses dedicados amigos do sr. Alfonso Costa que tão amavelmente lhe forneçam o pretexto para especular com a facil repressão da passeata matutina de meia du-

zia de ratões e com a unanime approvação na Camara d'aquella famosa moção de confiança, que o sr. conselheiro Antonio José d'Almeida approvou por considerar que não era tal a moção de confiança pelas razões que no seu discurso apresentou e que foram precisamente as mesmas que seria necessario apresentar para demonstrar... exactamente o contrario.

Os monarchicos, — como os proprios jornaes republicanos reconheceram antes de terem por que contra elles se voltava a confissão, — nada tiveram com a patacoada de 27 de Abril, que aliaz lhes foi muitissimo util, porque, tendo-se servido os matutinos passeeantes da indecorosa desculpa de que tinham vindo para a rua por suppr'orem ter rebentado um movimento monarchico, os muitos elementos adversos ás Instituições, e que estão ansiosos de romper com o actual estado de cousas, não foram na flta. — como diria aquelle parlamentar Arthur, de profissão: irmão do sr. Alfonso Costa, — com o que mostraram uma serenidade e uma disciplina que muito grato nos é constatar, pois nos faz suppr'ôr que já acabou entre os elementos monarchicos a mania de cada qual fazer como entende, sem se preoccupar se assim procedem ou deixam de entender os devidamente indicados para entenderem o que por conveniente se houver de entender.

E dos acontecimentos, já que as devidas considerações se não podem fazer sem risco de mergulho nas aguas da suppr'essão ou da suspensão, affigura-se-nos que nos basta n'estas condições commental-as apenas pela discreta e consciencia de que entre monarchicos ha disciplina e serenidade, o que, junto a uma louvavel abstenção de lingua em varias *Chicas*, muito appetitasas mas muito vazarellas, denuncia uma melhora de condições que algumas esperanças nos dá de que ao sr. Alfonso Costa e ao seu governo seja permitido dar cabo da Republica com a rapidez que todos nós desejamos, a começar por uma porção enorme de republicanos que, pouco satisfeitos com os proprios colhos, pedem a mudança do regimen, anseiam porque lhes seja fornecida occasião de adherirem á Monarchia.

O sr. Costa e os Açores

Ha tempos, respondendo á interpellação de um deputado açoreano, o sr. Alfonso Costa declarou olympicamente que não tinha tempo para se occupar dos Açores nem para governar nas nuvens... O chefe do governo julga o archipelago dos Açores uma terra nebulosa, vaga, fantástica. Tendo talvez ouvido dizer que os Açores, segundo pretende o sr. Lapparut, são os derradeiros vestigios da fabulosa Atlantida do que falla o divino Platão, no *Banquete*, e que o seu primeiro rei foi o mysterioso Neptuno, esposo infiel d'Amphitrite, que passeava em coche sobre as salças ondas, e tinha, no fundo do mar, nas suas cavalariças, magnificos cavallos de crinas d'ouro, o sr. Alfonso Costa devio da existencia real do surruido archipelago, Atlantida, Plató, Neptuno, Açores, ananazes, Amphitrite, cavallos com crina d'ouro...

Historias, meus amigos, lerias!...

Quando do provisorio, governo mais ficando que trezentos casacos de coelhos da ilha de Santa Maria, o sr. Costa, de um traço rapido e firme de penna, suppr'miu a Relação de Ponta Delgada. Agora, que prosseguir a fiança com tanta galhardia a seguir o herillo, acabou com a escola normal da ilha de S. Miguel e prohibiu a entrada de cereaes açoreanos no continente, com grave prejuizo dos cultivadores ilheus. E continuando a não querer governar nas nuvens e em nada se parecer com o pae de Venus, o respeitavel Jupiter, o sr. Costa deixou o districto de Ponta Delgada tres mezes sem governador civil, tres mezes! Eis-aqui como as cousas se passaram.

Quando o sr. Alfonso Costa foi chamado ao poder pelo sr. Arriaga, (que, segundo pretendem alguns fantasistas, é Açoreano, e, por conseguinte, inexistente, metaphorico) um michaelense faccioso, antigo chefe teixeirista na villa da Lauroa, de passagem em Lisboa, aconselhou o sr. Costa a nomear governador civil do districto de Ponta Delgada o sr. Dr. Francisco d'Arruda, monarchico e intelligente. O ex-chefe teixeirista do conselho de Lagoa tinha dado este conselho ao sr. Costa por malicia...

E, impavido, o sr. Costa, sem mais indagar, expediou um telegramma ao sr. Dr. Arruda nomeando-o governador civil... Cheio de pasmo, o sr. Dr. Arruda recusou, por telegramma. Sem perder coragem, o sr. Costa nomeou-o por telegramma. Perante tal insistencia, o sr. Dr. Arruda embeberrou, deu alguns puxões energicos ao seu inseparavel, mastigado charuto, encolhendo os hombros alentados, e metteu-se em casa, tudo o queo como um rochedo. Um mez passou! Sem governo, o districto de Ponta Delgada era, no meio do Oceano, como um barco sem leme... Um bello dia, porém, sem que se soubesse porquê, o sr. Costa nomeou um novo governador civil, o sr. Dr. José Bruno Carreira, secretario de estado...

O telegramma lá dirigido assim: *Governo Civil de Ponta Delgada, Horta!* Ponta Delgada é a capital da ilha de S. Miguel, Horta é a capital da ilha do Fayal... Apesar d'esta erro natural quando se manda um telegram-

ma para as nuvens, o sr. José Bruno, que, apesar de viver no Olympio, não usa como Mercúrio, uma diaphana clamide, mas veste, como nós, jaquetão curto e botas pretas com cano cinzento, o sr. Dr. José Bruno, diziamos, governou Ponta Delgada quinze dias;—mas, de repente, o sr. Costa lembrou-se de fazer applicar na ilha de S. Miguel não sabemos que artigo da lei de separação. O povo açoreano é tradicionalista, ama Deus Nosso Senhor e os seus ministros, a propriedade, a ordem... Não querendo augmentar o descontentamento local, o sr. José Bruno pediu a sua demissão, e não applicou lei nenhuma. Novo interregno. Novamente o districto de Ponta Delgada ficou sem governo, abandonado qual miserio infante á beira de inhosada estrada. Uma hora porém, chegou em que o sr. Costa se decidiu a nomear um continental para o governo do mallogrado districto michaelense. A sua astuciosa escolha recahiu no sr. Dr. José Fernando de Souza, que é alfarrasista e advogado, como o sr. Ministro da Justiça. Foi a Havas quem levou esta grata noticia aos Açoreanos. Todavia, as semanas passavam e o sr. alferes e dr. Souza não apparecia. Mas eis-aqui um telegramma. Regosijo! Foguetorio! O sr. Souza, alferes tão heroico como advogado distincto, devia sair de Lisboa no vapor Funchal, e chegar á ilha no dia 8 do mez d'abril. Grande alegria para o sr. Travassos, papeleiro no largo da Mariz e para o sr. Nunes, merceiro na rua do Frade, chefes republicanos destartalhados. No dia 8, a philarmônica michaelense *Ritual das Musas*, foi para o caes esperar o novo governador, que devia desembarcar fardado de alferes e coberto com a sua toga... mas o vapor Funchal chegou e o sr. Souza não chegou. A' ultima hora, o sr. Souza não tinha podido embarcar. Um dos seus meninos tinha accedido com uma grande dor de barriga e recevia, se uma traçoira appendicite! E eis a razão por que só ha tres semanas ha um governador civil em Ponta Delgada, apesar de já haver um par de mezes que temos a dita, que os outros povos ignoram, de ser governados pelo sr. Affonso Costa, homem de grande talento, como dizia o pobre Vale nos *Doídos com juízo*...

Ora os senhores sabem que o districto de Ponta Delgada envia no ultimo anno, ao thesouro continental, um saldo positivo de oitocentos contos de reis? Sabem os senhores que infelizmente ha muita gente no archipelago açoreano, muitos milhares de pessoas, que pensam que a sua ligação ao governo da metropole só lhes trazdesvantagens e dissabores? Sabem ainda os senhores que a America do Norte que fica mais perto d'algumas ilhas açoreanas que Portugal, acha que aquella existente archipelago se compõe de nove ilhas muito ricas, inexploradas, abandonadas?

não tenha preso algum parente; ainda ha quem não tenha sido espiado, offendido, affrontado ou nos seus interesses ou nas suas creanças ou nas suas affeições.

E' preciso que tal desigualdade acabe e para acabar com ella não vemos que outro estadista o possa fazer com mais rapidez e mais cuidado. A essa obra se tem dedicado o sr. Affonso Costa e, justo é reconhecerlo, com uma habilidade tal que, se o não derrubarem, dentro em muito pouco tempo não ha ninguém que no país não chore lagrimas de sangue por vêr a sua casa arruinada, os seus parentes presos, o seu futuro comprometido.

E como é provavel que só quando não haja ninguém, absolutamente ninguém, que não tenha soffrido as torturas e os martyrios a que em Portugal se não liga importancia... quando são soffridos pelos outros, — o portuguezinho valente comprehenda o seu dever; quanto mais não seja senão por egoismo, é absolutamente indispensavel que o sr. Affonso Costa continue no poder, que o deixem em plena liberdade, que lhe não levantem difficuldades.

Quem tal o fizer, quem por qualquer forma procurar difficultar-lhe a obra que tão habilmente está realisando, aqui o proclamamos bem alto, é um traidor á Patria, porque é um traidor á causa da Monarchia, que é a causa da Patria.

Portanto que todos os bons patriotas e todos os bons monarchicos a nós se juntem para gritarem com o maior enthusiasmo:

— Viva o sr. Affonso Costa! Viva o grande amigo da Monarchia!

Dois

O sr. André Brun, official do exercito em commissão humoristica na *Capital*, e o sr. Machado dos Santos, commissario naval em commissão heroica na *Historia*, foram os dois melhores jornalistas portuguezes que tiveram a ideia de se referir em termos grossieiros á Princesa Augusta Victoria de Hohenzollern, Noiva de El Rei.

Não vimos em toda a imprensa do paiz que outras referencias desagradaveis se fizessem senão as escriptas por aquelle humorista e por aquelle commissario naval.

Dada a reputação que a imprensa portugueza tem de ha annos para cá, o facto de terem sido apenas dois jornalistas os que assim se manifestaram, representa uma esperanza de melhoria, tanto mais que um d'elles pertence ao exercito e outro á marinha, o que é uma attenuante, quando não seja uma explicação.

Confusão

Um dos sargentos presos por motivo dos ultimos acontecimentos declarou a um redactor do *Intransigente* que o sr. João Chagas lhe dissera no tempo da Monarchia, ao allucinal-o para o movimento republicano, que os revoltosos teriam o direito mais tarde de pegar em armas se lhes não dessem a Republica que se lhes prometia.

Ao que pareceo o sargento considerou que esta Republica não era a prometida e por isso, na madrugada de 27 de Abril, pegou na arma e veio para a rua, fiado no que o sr. João Chagas lhe dissera.

E agora revolta-se, porque lhe chama bandido o sr. Brito Camacho, pae diplomatico do sr. João Chagas.

Ora a verdade é que, se esta Republica não é a que prometeram ao sargento, é comto a que o sr. João Chagas prometteu a si mesmo, isto é, uma Republica que lhe desse, como lhe deu, o logar de ministro em Paris.

Arranje o sargento que a Republica continue a mesma, mas que trete o logar ao sr. João Chagas, e verá como este desata logo a berrar que a Republica não é... a que prometteram ao sargento.

Patetice

Aquella ditosa Patria, que tem por director o sr. Gostevão de Vasconcellos, e por moléque o sr. Henrique de Vasconcellos, narra que em Hespanha foi preso um official do exercito por se ter recusado a ouvir missa, e a esse proposito diz, em meio de muitos palavões e de muitas grosserias, que era precisamente essa situação que os monarchicos desajustavam em Portugal.

A patetice é manifesta pois nunca em tempo da Monarchia qualquer facto como esse se deu.

Mas porque não falla a ditosa Patria do que se possa em França, que é muito semelhante ao que se possa em Hespanha? Se em Hespanha é preso um official por se recusar a uma cerimonia da religião do Estado, em França são perseguidos os officiaes que se recusam a deixar de ouvir missa.

Que differença vê o moléque Henrique de Vasconcellos entre a intolerancia dos que perseguem um official porque se recusa a ouvir missa e a intolerancia dos que perseguem os officiaes que vão assistir ás ceremonias religiosas?

Ora que differença vê o moléque!...

Vê que a differença é que n'um dos casos trata-se da intolerancia de uma monarchia, e portanto é censuravel, e no outro trata-se da

intolerancia de uma republica, e portanto é louvavel.

Antes de 5 de Outubro o moléque acharia o contrario.

O que acharia elle se o tivessem deixado ficar de tanga, no serião, a furtar bananas?

Revistas, Livros e Folhetos

Orthoëpia e Orthographia, da lingua portugueza, por Alexandre Fontes.

O sr. Alexandre Fontes é um apaixonado cultor e defensor da lingua patria.

Mas, grande Deus dos philologos! porque não publica o sr. Alexandre Fontes um dictionario portuguez onde a gente encontre a lingua pura como sahiu do ventre materno?

Assim, com codicillos, gotta aqui, pingo além, não se chega a matar a sede da ignorancia.

Os srs. philologos fallam, fallam, fallam, ou antes escrevem, escrevem, escrevem, (porque philologo portuguez significa aquelle que não falla) e afinal nunca chegam a conclusão alguma.

Não ha um dictionario da lingua portugueza.

Ha para ahi um *Dictionario Brasileiro*, do sr. Candido de Figueiredo, pelo qual nenhum revisor consciencioso se guiará.

Porque não faz o sr. Alexandre Fontes um dictionario portuguez?

Seja a fonte do bem e da virtude e da pureza da lingua, sr. Fontes!...

Os bons tempos da tropa

MODELO SUECO

Um verdadeiro inferno aquellas sentinas *das praças*, no velho quartel!...

Erão, desde tempos immemoriaes, o pesadelo constante dos commandantes, dos medicos, dos officiaes de inspecção e até do velho sargento Pereira, impedido nas obras e reparações.

O cheirete horrivel que empestava o quartel passára já aos dominios das cousas tradicionaes na vida intima do Corpo. Se qualquer official, vindo de novo, ao montar a primeira inspecção, perguntava ao camarada que sabia de servico:

— E, agora vamos a saber... os costumes da casa...

Era certo o outro responder-lhe:

— Olha, meu caro, no *Relatorio*, na casa *occorrencias extraordinarias*, logo em primeiro logar pões: «Falta absoluta de água nas sentinas das praças»... Não conseques nada com isto, mas é da *praxe* cá no regimento... Creio mesmo que o *Historico do Corpo*, faz já referencias a essa tradição, não direi *gloriosa* mas *odorifera*.

Effectivamente todos os dias do santo anno, era um despachar de notas, de officios para o Quartel General da Divisção, para a Direcção da Engenharia, para a Inspecção de Fortificações e Obras Militares... E nada!

«Falta de verba», respondiam de lá, em longos officios cheios de V. Ex.^{as}, mas vassias da almejada autorisação para dispendir fundos, em taes reparações... *

Em 186... uma epidemia de typho devastára quasi um quinto do regimento. Pois nem mesmo estas *perdas de campainhas*, tinham abalado os poderes constituidos, de modo a faze-los deitar olhos misericordiosos para as pobres sentinas, que continuavam sêccas, sêccasinhas, como se, n'aquella terra abençoada, não houvesse um litro d'agua que se pudesse dispensar... *

Um dia, porém, veio commandar o Corpo um Coronel que não era para graças. Tanto barafustou, tanto berrou, tanto se mexeu, que finalmente em determinado dia — dia de gala para o quartel! — uma *nota da Inspecção das Fortificações e Obras* autorisava a verba sufficiente para as reparações e annunciava que o sr. Capitão d'Engenharia Z., adjunto á mesma Inspecção, viria verificar de *visu* o estado da ques-

tilão e dirigir superiormente as reparações a encetar.

... E, no dia seguinte, o Capitão Z. veio e, acompanhado pelo velho mestre d'obras, Olympio, antigo, gordissimo e sapiente sargento de Sapadores, *andou vendo*.

O Coronel puzera á sua disposição os sapadores, os impedidos na caiação e até duas fachinas por companhia. Emfim, foi um trabalhar insano dos sapadores para um lado, a escavacarem a parada ás picaretadas, dos caidores para outro, com as fachinas, a acarretar cal e mais cal e mais desinfectantes!

Aquella *tripalhada* toda á mostra empestava o quartel com um fôlego horrificante, mas o Coronel esfregava as mãos e dizia satisfetissimo para o Engenheiro, absorto nos seus *calculos orçamentares*:

— Pois é como lhe digo. Vamos emfim ter latrinas boas... e á moderna, não é assim, capitão?

— Claro, Commandante...

— Ora diga-me, e qual é o modelo adoptado...

— Ah! Perfeitissimo! — retorquiu o outro, pondo de banda o lapis e o *carnet* — Perfeitissimo! Tudo quanto ha de mais moderno... *modelo sueco*, que é o agora adoptado nos principais exercitos, digo mais... nas mais notaveis latrinas das grandes potencias...

Mas n'isto o gordissimo Olympio, chegava das suas pesquizas, com dois fachinas atraz, amarellos como cidras e atascados em porearia até ao pescoço.

— Sr. Capitão — gritava o homem todo triumphante — sr. Capitão! O mal todo está n'aquelle cano (e *apontava para a parede fronteira*)... alli é que se precisam obras... e boas obras... E' o que digo a *Vacoria*: O mal todo está alli...

Capitão Z., voltára á carga com o Coronel...

— Pois Commandante... o *typo sueco* é magnifico... lavagem automatica de quarto em quarto de hora, com massa d'agua, forte e bastante intensa, de modo a varrer todo o cheiro... A canalisação toda renovada... Os depositos d'agua a altura sufficiente, com apparelhos de pressão... Uma maravilha... Vi-as funcionar em Stockolmo e em Berlim, no quartel dos *Hussards da Morte*... Uma maravilha emfim.

— Obra segura, não é assim? — Obra segura!

Finalmente as sentinas ficaram promptas.

Com o seu aspecto de *chaletsinho*, todas rendilhadas, forradas de azulejo branco até quasi ao tecto, pintadinhas de novo, os compartimentos numerados e com todo o *confort moderne* encantavam a vista!

O maldito cheirete tinha desaparecido, como por encanto!

N'esse dia, o Coronel, o Tenente-Coronel, todo o Estado Maior, emfim, foram proceder á *visita official*.

Impressão soberba!

O velho Tenente R., o *Mouco*, como lhe chamavam as praças, secretario chronico do Conselho, todo elle ria na sua tosse chronica e dizia para um e para outro:

— Meenos... *mês* amiguinhos. Para *estes effeitos*, passo a ter baixa de posto... E' como lhe canto...

E logo, philosophicamente:

— Se, quando eu assentei praça, havia lá d'estes cuidados com as praças... São uns *lords!*... Uns *lords!*

E ria e tossia, embrulhado na capa...

N'esse dia, a *ordem regimental* rezava:

«S. Ex.^a o Coronel Commandante determina e manda publicar:

KISMET, O INVISIVEL

1.º — Que amanhã, em seguida ao rancho da manhã, comecem a funcionar as sentinas das praças de pret d'este regimento.

2.º — O sargento encarregado das obras de reparações do quartel, providenciara para que, a essa mesma hora, estejam abertos os depósitos d'agua, de modo que a lavagem automatica se opere sem incidentes e com toda a regularidade.

3.º — A sentinella das sentinas é responsavel em absoluto pelo completo estado de asseo da dependencia confiada á sua guarda e velará por que a mais rigorosa disciplina se observe dentro da área da sua vigilancia.

8 da manhã.
O corneteiro de dia acabára de tocar á chamada de corneteiros para a parada da guarda...

Subito um brado estridente e angustioso:

— «A's armas!»

Tudo estaca...

Da banda das latrinas vem um tropel de soldados, correndo desenfreada, como doida, em direcção ás casernas. Em todo o quartel a balburdia se torna medonha!

Companhias ha que entraram na forma e em que se começa precipitadamente a distribuir cartuchoa embalado.

— Mas o que ha? — perguntam vozes afflictas.

— Revolução! Estão já paizanas no quartel!

— Ha fogo nos addidos!

— Dizem que já feriram o nosso Commandante...

Mas, no meio d'este brou-ha-medonha, apparece o Commandante, sereno, embora um pouco pallido e ouve-se-lhe a voz imperiosa e vibrante:

— Corneteiro! Toca já a sentida!... Entra tudo já na forma! Acabou a conversa! Quem se atreve aqui a dizer uma palavra sem ordem do seu Commandante?!

E o silencio restabeleceu-se...

Lá do fundo da parada vinham rumores de agua a esguichar com impeto... O tal ponto de parede que precisava de obras e grandes obras, na opinião do mestre, já vertia agua em abundancia... E depois, pela parada fóra um mar... mas que mar, que horroroso mar!...

E d'além-mar, o Olympio gritava a plenos pulmões:

— Senhor Coronel! E' a agua dos autocismos e dos depositos que traz força... muita força... oh! que força... Atirou com tudo — com tudo, Ex.^{mo} Sr., até ao tecto! E' um pavão! Uma obra tão perfeita!... E tão bem acabada!... O mal, Senhor Coronel, o mal está todo alli...

E d'além-mar apontava, como que esmagado ao peso da fatalidade, a mancha amarellada da parede, já a jorrar agua...

D'aquem-mar, o Coronel, agora já tranquillizado, mas perdendo por completo a linha, explodia, empertigado e rubro de colera.

— O mal está mas é no grande raio que os parta a vocês todos e ao tal modo suco! Suco de padeirias!... Eu quero lá saber de sucias nem de meias sucias... En sou portuguez e portuguez de lei! Para todos os effeitos!

E o velho Tenente R., o Mouco, do lado applaudia patrioticamente:

— Muito bem! Para todos os effeitos!

Saturio Pires.

Perfumaria Balsemão
RUA DOS RETROZEIROS 141
Telephone 2.777
LISBOA

Progresso, palavra magica das ambições do homem para a qual tendem todos os seus esforços, será tu a chave da Vida?

Quanto abuso sob o teu escudo, quanta fraude em teu nome santo!
E quantas vezes o desanimo, a descrença, quando o espirito concentrado no fim a atingir de repente, vê por resultados inesperados que o fio lhe vae a escapar, que a estrada luminosa é miragem que foge, que razão e logica não bastam, que tem de recorrer a um guia, se é que o ha. Ha, infallivel: a Historia.

Porque se a Historia é evolucionar lento e constante da humanidade, identico a equal caminhar da vida do homem, desde o minuto em que vê a luz do dia até ao raio derradeiro, é como o dia de hoje vivido atravez dos seculos, é como a synthese de uma só vida. E se o historiador consulta o naturalista para melhor estabelecer as suas conclusões, o psychologo deve bater á porta do historiador em busca de leve util. Assim a Historia ajudará a comprehender o homem, como o homem a comprehender a Historia; as causas dos retrocessos subitos na marcha da Civilisação ficarão em parte explicadas e a humanidade, na sua ancia de progredir, poderá ser guiada á luz d'essa Historia tão velha e sempre nova.

Cada creança que nasce, cresce, foi homem e desaparece, deixa atraz de si o producto da sua vida que, por infima que fosse, do mendigo ao rei, contou n'este mundo: cadeia ininterrupta, cada qual ajudando ao curso pelo bem como pelo mal, muitas vezes do maior util provindo a maior luz por meio de revoltas subitas, consciencia do erro tornado visivel, sêde renovada para o bem em vista do mal commetido, por meio de impulsos saos, contraste sentido em que a maldade e a insignificancia assumem o papel de factores de energias pela reacção que provocaram, as causas mais infinitas, os pequenos, os obscuros ou as mais sombrias, os tyrannos, as calamidades, o soffrimento, sendo as que muitas vezes trazem á luz do dia heroicidade e vocação, esses que por fim vae a guiar as massas, unicos que parecem contar. Mas de facto toda a vida conta, e o desgraçado idiota que á beira das estradas do Sul expõe ao sol as suas chagas, alguma centella lançou no intimo dos que por elle passaram, piedade, dedicacão, egoismo, ancoo por saúde e belleza, desanimo pela vida, chamando á açcão os santos, philosophos, poetas, artistas, sábios alli trazidos por Kismet, cuja vocação então clamou pela primeira vez.

Dickens, no seu livro — *A tale of two Cities* — com os pequeninos e poucos incidentes de area tão pequenina, explicita tão bem a revolução franceza na sua essencia como os seis volumes de Michelet.

Do mesmo modo o homem, cuja vida é essia, que não insignificancia parca ao lado dos tantos que a Historia conta, resumida, elle sózinho, pelo simples facto de ter vivido. Deve haver leis para uma como para outra. Leis ás quaes se não pôde fugir sem se retroceder em vez de se avançar n'essa estrada austera do Progresso.

A lição é mutua: as phases são as mesmas, identicas as caracteristicas das diferentes idades com doenças eguaes provenientes do males eguaes.

E a primeira causa que a Historia nos diz é que a evolucion, o progresso real, o que fica, aquelle que se faz sentir por meio de phase nova tem de ser lento natural, consequente e logico. E o homem, com a experiencia d'a sua curta vida, em echo harmonico, responde convencido: forçado, deixará de existir.

Vejamos qual a sorte que aguarda ao penetrar na vida a creança moderna, esperanza de amanhã, representando o tempo, alvo de muita ambição, resultado de tanto aspirar:

E' o centro de todas as atencões, o deus pequenino em cujas mãos prometteras repousa o sceptro do mundo.

Previu-se os perigos que o esperavam, afastando-os; varreu-se do seu caminho os espinhos ericados; só pisará pétalas de flores a perfumar a festa da vida. Se os paes erraram, ella não errará.

N'uma anxiedade enternecedora de o fazer feliz, os paes adoradores comecam por banir do seu berço tudo o que possa impressionar a alma tenra, para que não venha nunca a soffrer, não venha a ter a susceptibilidade de soffrer.

Soffrer! O homem não deve soffrer. Para não soffrer precisa de não sentir: combatem portanto no ente pequenino tudo o que tenda a tornal-o n'um ser affectivo. A creança das eras da liberdade pertence á Razão e não ao Sentimentalismo: apre-se n'ella uma intelligencia clara, de aço indenne que tudo vae á força de scepticismo.

Vem ao mundo com direitos na vida: não lh'os tem, exaltem-lh'os, mostrem-lh'os com cores garridas e cantantes. A Vida é uma festa, a Vida é goso, a Vida é para o cavalleiro oirado, ligeiro e rapido, levado atravez da festa encantada a pisar ruínas, calcando, esmagando vicharias: ávante, vencedor!

Entregaram-n'o, logo ao nascer, ás mãos doudas da Hygiene, abriram-se os livros da Sciencia n'um velar constante pela vida nova;

ficou traçado o seu rumo pelo que sabem, antes d'ella vieram ao mundo, d'ella cuidam: «Cá estamos para te ensinar a Vida, nós, os velhos».

Serás saõ, serás forte, serás rico. A tua alma servirá o teu corpo. Serás um ente prático e vivo.

Longe de ti a Illusão e os desvarios de uma imaginacão inutil.

Embebidos da theoria do *struggle for life*, nós, os experientes, te conduziremos á victoria: serás um producto de seleccão, vencerás sempre em tudo, não soffrerás nunca, a Vida tã-la-ha brilhante.

Serás um animal saõ e robusto, frio e duro.

Vencerás a existencia material, serás feliz pela saúde o pelo ouro. Terás todas as osadias.

Serás um deus pagão, o homem de amanhã.

Vencedor, alegra-te que a Vida é tua!

Quatro dragões esprritam á porta: microbio, sentimentalismo, phantasia, espontaneidade. E' preciso estar-se alerta, não vão elles estragar a obra nova.

Afasta-se a creança dos seus semblhanças por causa da doença, filha do microbio. Assim a linda da princeza que o fuso da roca de Kismet adormecera.

Retiram do seu caminho o exemplo nocivo da bondade e do sacrificio, das affeições fortes, dos ideaes vagos; nada de vago nem de abstracto: affirmacões, factos positivos e claros, o resto não conta.

Abre-se-lhe os olhos para que fuja a innocencia absoluta, não vò nas azas dianphas d'essa phantasia que leva á illusão. Tolhem-lhe o impulso, seccam a fonte fantil, essa mesma de artistas e Poetas, que tantos males pôde causar aquelle que a conserve para e fresca, intacta atravez da Vida, d'essa vida que se quer vencida com positivismo lucido, prossaimo ori, sem piguetos, para que o triumpho venha.

E o triumpho vem. Porque a creança que se approxima das flores, rosa como ellas, cravo rutilante, leve logo a seu lado quem lhe incutisse bem depressa elementos da botanica, sem lhe dar tempo para vêr que tem cor e perfume e leveza e graça e são encantos e mysterio.

Quando ouviu o trovão e se assustou, logo lhe mostraram o livro aberto da Natureza, sem permitir-lhe que a sua alminha tremesse de espanto e admiracão. So ia a esbanjar na mão de um pobre mendigo a moeda do ouro que possuia, aprendia no mesmo minuto que o dinheiro vale, que a economia é santa e o ouro para tirar nas algibeiras ou dançar na mão á vista de todos.

E assim vae adquirindo a virtude: sem esforços, a brincar, a rir, no decorrer dos dias que passam.

E o pequenino cresce, ente eleito, principe afastado do vulgo. Livros não lhe faltam, tem lido muito da

escola nova. Aprendeu a desprezar na escola moderna.

Como o artista que deve eliminar o inutil, assim elle, o moderno, por excellencia tem de conhecer as armadilhas com que os passos dos seus antepassados toparam; a resenha é facil, resume-se na palavra *tudo*, e bem desveladamente todos lh'o dizem: «convenções, convenções!»

Vae fazer o milagre, o milagre supremo, realisar a ambição ultima: a fusão do homem actual com o primitivo produzindo o homem verdadeiramente moderno, quer dizer aquelle que desprendido de rotina saiba derrubar todas as instituições que impedem o seu prazer e goso na vida, sem medo, sem hesitações, sem tremores d'alma, ousoado, valente, como verdadeiro heros, deus sem rei. Consciente de força nova, espinhará todas as velharias. E o dramaturgo e o romancista terão então deante de si para explorar ao vivo a these de Bourget no seu livro *Le Disciple*.

Ehõa pelo mundo: «Convenções, convenções!» O velho mundo morre. Vêa Kismet, o invisivel. Penetrante, invasor, de brisa em brisa, o Modernismo toca ao leva no hombro do cavador rude que era feliz, fal-o levantar a cabeça humilde e ignorante, esfregar os olhos e exclamar cheio de somno: «que venha a revolução!» palavra ensinada a um pobre innocente.

Chega-se ao proletario, mette-lhe nas mãos brochuras anarchistas até que, com olhos esbraseados, exclama: «ávante!» ávante! e corre a incendiar a alma das cidades.

Cabem as minas, arde o vulcão Já o humilde cavador não fita em paz a luz do sol. Já a guilhotina não caça.

E de debaixo das ruínas os velhos que vão a morrer contemplanm o erro: no meio da desolacão tenebrosa quando se carecia de um creador, quando se quer um gigante nasco... um pygmeo! E' que Kismet vêa sempre...

Resta a Esperança, resta o Progresso.

Evolução, anjo da guarda. Valer-nos, forças eternas!

No Norte, onde tres dos dragões que espreitavam o recém-nasido, tiveram accesso junto do seu berço, a creança mama o leite dos gnomes, das fadas, dos deuses e dos heros, um só leite que é lontanrio, não morre e transmite a natureza mãe. Assim se crearam Wagner e Nicotche, cujos cerebros modernos se materialisaram em Siegfried e Zarathustra, heros com poderes para espiritalisarem o materialismo das eras novas.

Mas no Sul? E' verdade que em Messina entre o vulcão, ruínas, fogo e pilhagem alguns escaparam, levados nos braços d'esse Kismet, o invisivel, que vêa sempre.

E esses alguns, eleitos que são, poderão reconstruir, crear, heros de amanhã.

Gil Eanes.

AS CADEIAS DA REPUBLICA

Dr. Pedro Doria Nazareth



Dr. Pedro Doria Nazareth

Sabino José da Costa e o filho, João Henriques da Costa, foram presos pela Republica.

Sabino José da Costa, apesar de velho e doente, dava aos novos o exemplo da mais nobre coragem. A 26 de março findo, Sabino morreu no Limocero, depois de seto mezes, sem ter sido sequer pronunciado.

O filho, João Henriques da Costa, condemnado em 23 d'outubro de 1912, pelo Tribunal Marcial de Santa Clara, a 18 mezes de prisão e 18 mezes de multa, a 14500 reis por dia (quinze tostões) não tendo um vintem da seu.

João Henriques da Costa não pode aos monarchicos que gastem cinco reis para o alliviarem uma hora que seja da escuridão do carcere. Cumprirá os 18 mezes da multa como trougo os 18 mezes da condemnação.

Os desgraçados, á força de vêrem o egoismo alheio desinteressar-se d'elles, aprendem a virar-se desinteressando-se da propria desgraça.

João Henriques da Costa tem uma mãe, velhinha e desprotegida que atraz do marido e do filho veio para Lisboa.

A pobre velhinha passa os dias entre o tumulto do marido e a cadeia onde a Republica lhe tem o filho.

Este caso de preso politico monarchico que, cumprida a pena de prisão, vê o seu martyrio prolongado pela impossibilidade de pagar a importância das multas, não é unico.

Ha outro condemnado a prisão correccional e multa de 1205000 reis.

Cumpriu a pena, está pagando com os ossos o cento e vinte mil reis da multa.

Outro, condemnado tambem a prisão correccional, lá continua a apodrecer, por não ter com que pagar os 19 mezes a 200 reis por dia, ou sejam 114500 reis.

Estes homens tem familias que cahem na misoria logo que lhes falta os braços d'elles. Dezenove mezes não são dezenove horas: é muita noite de desespero, muito dia de lagrimas e de fome.

Ha outros presos então que continuam nas cadeias da Republica, aquelles que a Republica ainda não teve tempo ou provas para pronunciar.

No numero d'estes está o Dr. Pedro Doria Nazareth.

Da gruação de 90, foi dos poucos que escapou ao sarrampo republicano do Ultimatum que deu na academia de Coimbra.

Emquanto o sr. Antonio José d'Almeida deitava abaixo as taboletas escriptas inglezas, apontava apenas as que lhe pareciam estar escriptas em lingua americana, o dr. Pedro Nazareth fazia parte da commissão que promoviu a manifestação a S. S. M. M. El-Rei D. Carlos e Rainha D. Amelia, no regresso da viagem ao Porto (1891), e fazia parte da commissão que festejou Mouzinho d'Albuquerque, já abocanhado pelas declarações de dedicação ao Senhor D. Carlos que o heros de Chamite fizera.

Apesar de não ser republicano, ou decerto mesmo por isso, demonstrou ter talento nas classificações e accossos que teve durante o curso de medicina, concluido em 1888, e na regencia da sua cadeira na Escola Botica, e depois na Escola Marquês de Pombal, para onde foi transferido, e onde ainda é professor.

Eleito deputado em 905, pelo circulo de Leiria, recusou a candidatura que novamente lhe offeroceram, por ter abandonado o partido progressista e não desjar voltar á politica, d'onde desde então sempre se manteve afastado.

Retinha-o, por então, a litteratura scientifica, da qual se deitava o seu Estado sobre a *atenuação das classes trabalhadoras no continente de Portugal*.

Não pensava mais o dr. Pedro Nazareth em politica quando, anno passado, por aquella mesma época em que os carbonarios tiveram de ir para o Vidago vigiar o sr. Teixeira do Souza para evitar que elle se filiasse no Centro S. Carlos, a policia lhe deu voz de prisão.

Foi o dr. Pedro Doria Nazareth preso a 15 d'agosto de 912, na Pedra Salgada, onde estava varanando, e de cujas sombras e levaram para a sombra da cadeia de Villa Real, onde o tiveram dois dias incommunicavel com sentença á vista.

De lá, recambiaram para Lisboa, metteram-o n'um calabouço da esquadra da Pampulha, cubiculo infecto e humido.

Oito dias de incommunicabilidade com os homens, com o ar e com a luz.

Nem noticias da familia, nem d'esta parte elle, nem d'elle para os seus, e tendo por unica mobilia uma tarimba.

Uma tarimba de madeira para dormir, nem um banco, nem uma bacia para lavar a cara.

Da Pampulha fez uma viagem para o Lameiro, e lá se esqueceram d'elle.

Já lá vieram oito mezes que o dr. Pedro Doria Nazareth foi preso, e ainda nem sequer tem culpa formada.

Republica parece ignorar que o Lameiro não é o Quartel do Carmo onde o sr. Antonio José d'Almeida tinha alguns officias a acompanhá-lo nos seus jantares idos do *Tweeter* e muito menos o presidio de S. Paulo de Lourenço, onde o sr. João Chagas se tratava a *champanhe frappé*, depois de tomar o seu matutino banho com agua perfumada pelas essencias do *Gellé Frère*.

O isolamento de Portugal

Vae Alfonso XIII dirigindo-se para Paris, em visita ao Presidente da Republica. O Sr. Poincaré não tardará, por seu lado, a cruzar a Mancha, n'uma viagem de cumprimentos ao Rei Jorge v.

Hespanha, França, Inglaterra, apertam os lagos dos seus entendimentos politicos, por intermedio dos Chefes d'Estado, cujos encontros solemnes decerto abrangem, nas dobras dos festejos protocolares, o recheio mais solido das combinações de reciproco interesse.

? E o nosso bom Paiz lusitano, — onde a terra se acaba, e o mar começa, e onde Phebo repousa no Oceano, — que papel representa no meio de tudo isto?

? Entre tantas rivalidades ambiciosas, modificando, e ameaçando modificar o aspecto dos mapps do Mundo, — que pensam os nossos estadistas a respeito dos melhores processos para manter, sem quebra nem offensa, a Integridade do nosso Territorio Nacional, — tão dilatado nas peripherias, e irradiante na vastidão dos mares, — como pobre nas entrecasas de defeza, e difficil de guarnecer eficazmente?

? E, em obediencia a essas cogitações da Chancellaria central de Lisboa, — que esforços tem desenvolvido os nossos diplomatas nas côrtes europeias? Que saber, d'experiencias feito? Que maneios insinuantes? Que argucias

perspicazes? Que habilidades intelligentes?

«Esplendido isolamento» foi em tempos a formula consagrada da politica internacional da Gran-Bretanha, confiante na sua situação insular, — nos seus pontos d'apoio estratergicos, escalonados pelas grandes estradas maritimas, — e, enfim, na superioridade verdadeiramente esmagadora das suas temerosas forças navaes.

Virando o adjectivo do avesso, teremos a formula applicavel ao Portugal d'agora.

Com uma differença, todavia: O «esplendido isolamento» da Inglaterra surgia de dentro para fóra, derivado da vontade propria, como tradição d'um systema de liberdade de movimentos, favoravel aos equilibrios opportunistas da Carthago dos tempos modernos.

Emquanto que o «isolamento com adjectivo do avesso», da nossa pobre Patria, envolve-nos de fóra para dentro, irrompendo da antipathia instinctiva, e do menosprezo dos outros, pela demagogia, Republica Portuguesa.

«Mending or ending» (reformas, ou morte) é tambem formula britannica, que a diplomacia da Europa vinha prophetisando á Turquia, desde a conferencia de Constantinopla, de 1876.

E menos por effeito da politica habil a seu modo, embora crua e despotica, d'Abdul-Hamid, — do que em resultado das dissolvencias juven-turcas, — succede que o dilemma fatal, — o «mending or ending» (reformas ou morte), acaba de cumprir-se alli, precisamente pela mais dura das suas duas pontas. E o Imperio Ottomano seria mesmo riscado totalmente do mappa européo, se não fossem as conveniencias do equilibrio internacional, e o desejo d'adiar, quanto possivel, questões capazes d'alterar a paz do mundo.

Faz-se o vacuo em torno de Portugal, e no livro dos nossos Destinos o «Mending or ending» só o não avistam os peiores dos cegos, — aquelles que não querem vêr.

«Campanhas de traidores, sem alma, nem fé» explica a Republica, — tentando attenuar os echos do descredito, que lhe acodem d'além fronteiras.

Sim. Deve ser isso. A anarquia chronica, a civilização pela bomba, a moral da denuncia, o sport das profanações, e proselytismo a ferro e fogo, a democracia sem voto, a justiça d'exceptão, a lei da violencia, — tudo traidões, não ha duvida, — e sem alma, nem fé, os seus auctores e responsaveis.

Tem razão, n'este ponto, a Republica. Mas os factos são os factos.

Faz-se o vacuo em torno de Portugal, e sobre a cabeça pende-lhe implacavel o «Mending or ending», — reformas ou morte.

Existe um Systema Internacional em determinadas condições d'equilibrio. As Nações secundarias, pedras pequenas do edificio, devem concorrer com os Penedros maiores para a estabilidade do conjunto. Esse é o papel que lhes garante a segurança individual. Como elementos d'equilibrio, factores da paz, utilidades civilizadoras, o consenso internacional attribue-lhes francamente direito á existencia. Mas mau é sair para fóra d'esse campo. Logo surgem as contingencias do esmagamento, e os riscos eventuaes d'ir concorrer, no estado de migalhas, para novos equilibrios dos futuros.

Um governo de juizo respeita, acima de tudo, essas verdades fundamentais; sacrifica-as, pelo contrario, um governo de demencia, sobre os altares da lithurgia jacobina.

Portugal tem, nos dominios de ultramar, a sua gloria, a sua imprezível integridade, a sua mais forte garantia de prosperidades e d'engrandecimento; mas, ao mesmo tempo o seu calcabar d'Achilles.

Mais do que qualquer outra Nação

secundaria, precisa, por consequencia, de uma diplomacia esclarecida e vigilante, bem relacionada, e bem dirigida, com orientação consciante, e espirito de continuidade. E atraz d'essa diplomacia, que nos representa externamente, — uma politica interna que a não comprometa, quer dizer, uma politica interna que dê, de facto, ao paiz, na essencia e no aspecto, o caracter d'elemento do equilibrio geral, de factor de paz, d'utilidade civilizadora.

? Estaria um regimen republicano, theorico, em condições de nos fornecer esses diversos requisitos indispensaveis da nossa Integridade Nacional? Não nos parece. O espirito revolucionario é, por sua natureza, proselytista, expansivo, inquieto e instavel. Por mais que affirme as suas intenções de respeito por regimens d'especie diferente, estes consideram-n'o, mais ou menos, com desconfiança. E regimens d'especie diferente são quasi todos os da Europa. Mesmo theorico, o regimen republicano representa para nós uma fraqueza e um perigo.

? E pratico, conforme a Republica Portuguesa o realisa?

Os leitores responderão, se quizerem.

Henrique de Paiva Couceiro.

Carta de Lisboa

O desastre do *Adamastor*, no mar da China, foi o assumpto sensacional da semana, vindo enlutar a alma nacional, que vê ir-se despenhando, n'uma atterradora derrocada, o pouco que o paiz possuía, mas que, nos seus modestos recursos, procurou sempre com brio e até com sacrificio, sustentar.

Em pouco mais de dois annos; o antigo cruzador *D. Carlos* soffre forte avaria nas costas do norte, o *S. Raphael* desaparece junto a Villa do Conde, o *Adamastor* recebe a avaria de Hong-Kong. Mas o que fica? Para onde querem levar o pouco que temos? Com que pretendem substitui-lo? Com a imaginaria esquadra que para ali anda reclamada em côres berrantes, mas para a qual não dispormos de cinco reis, se cinco reis fosse ainda moeda corrente?

Faz tristezza pensar n'esta derrocada, n'este destruir, dia a dia, do que é mais caro á nossa alma de patriotas. Já se não limitam ao que existe de profundamente consolador nos nossos principios, atacando religião, liberdade e costumes; atacam pela incuria, pela incompetencia, o que a todos devia merecer enorme respeito, quer fossem republicanos, quer monarchicos.

E em que basear estes successivos desastres navaes? Os proprios republicanos o sabem, sem que se atrevam a confessar-o: no facto de se collocarem á frente d'essas unidades commandantes que receberam o premio da sua luta em favor do actual regimen, e que assim ascenderam rapidamente a postos de primeira fila, para os quaes lhe faltava evidentemente o tirocinio. E' o caso do commandante do *Adamastor*, official revolucionario, promovido por distinctão.

Claro que não queremos ajuizar em definitivo sobre o valor das qualidades militares d'esse official; o que é evidente, o que um cego pôde vêr, é que muito naturalmente, um segundo tenente não tem a competencia d'um capitão-tenente.

Mas tudo isto são considerações secundarias em frente do facto principal, do que nos fêre e prejudica: o da perda de dois dos nossos melhores vasos de guerra, não obstante as noticias optimistas que sobre o estado do *Adamastor* vem chegando ultimamente, por vias officias. Acima, muito acima, dos interesses politicos, que entregamos a paniçoados certos cargos de responsabilidade,

de, os poderes publicos deviam n'esta assumpto olhar ao maior interesse de Patria, fazendo recharir as nomeações em quem mais competencia demonstrasse para exercer as funções.

Mas quem cura d'estes detalhes minimos? O que se trata é de perseguir a imprensa, não a imprensa em geral, — o que não deixaria de ser violencia, mas dar-lhe-ia um caracter de egualdade — mas em especial a imprensa que defende os principios do antigo regimen.

Semelhanes processos, como os que se tem usado contra os jornaes, não honram o regimen, nem os homens que o servem.

Mas peor, muito peor do que os vemos que parte da imprensa vem soffrendo, é, no seu aspecto moral, a solidiedade jornalística, como tem sido comprehendida por certos gazeteiros que se ufamam da sua inconsciencia e da sua revoltante parcialidade n'esta situação.

E é curiosa a razão invocada para justificar este procedimento. Badalon-a o director da *Lucta* e logo a repetiram todos os fradiqueiros do journalismo. Que solidariedade, pergunta o sr. Camacho, pôde existir entre um jornal que defenda a republica e o que tenta derubá-la, combatendo a todos os dias?

A mesma — respondemos nós — que no tempo da monarchia existia entre os jornaes que defendiam a monarchia e os que a combatiam.

Acaso alguma vez a doutrina, que n'este momento proclama aquelle jornalista que nunca teve apprehendido o seu jornal, foi defendida quando os jornaes republicanos atacavam odiosa e cobardemente o regimen vencido em 5 d'outubro? Acaso os jornaes monarchicos deixaram de prestar a sua solidariedade aos jornaes republicanos, mesmo quando estes deixavam as campanhas baixas que se recorriam da vida particular dos defensores do regimen?

Soffrem da amnesia estes jornalistas, mas não são victimas do mesmo mal os perseguidores de hoje. Atraz do tempo tem e ainda temos esperanga de vêr dançar na corda bamba estes jornalistas sem escrupulos de hoje, victimas de perseguições dos seus mesmos correligionarios.

Quando a *Lucta* acontecer o mesmo que acontece actualmente ao *Intransigente*, por obra e graça d'um governo republicano (quem o diria?) chegará a vez de se queixar. Não nos esqueceremos, certamente, todos os perseguidos de hoje de lhe responder com uma figura torta...

Quarta-feira 14 de maio.

Rual.

O Retrato de

Sua Alteza Serenissima a Princeza Augusta Victoria d'Hohenzollern-Sigmaringen

Reproduzido em bilhetes postaes, está já á venda.

Cada postal 50 reis

Descontos aos revendedores

Os nossos assignantes tem o desconto de 20% — franco de porte.

PEDIDOS

No Porto — Administração de «O Correio» — Rua Passos Manuel, 177-1-º

Em Lisboa — Agencia de «O Correio» — Largo de S. Paulo, 12-1-º

Tambem se encontrarão á venda em algumas tabacarias do Porto, Lisboa e Coimbra.

SEMANA MUNDANA

SECÇÃO THEATRAL

Um pouco de tudo

O casamento de El-Rei

As regras alianças

O filho de um illustre e importante capitalista e proprietario, cavalheiro distinctissimo e muito conhecido entre nós, e que não abdicou, nem abdicará das suas convicções de monarchico leal, envia a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel, oiro de minas portuguezas, para com elle serem confeccionadas as alianças reaes.

E' um gesto nobre, este, que, orgulhando o seu auctor, deve deixar no coração do Monarcha uma deliciosa impressão, feita de amor e saudade, — como nimbada de respeito profundo e vivo foi a tão encantadora lembrança, que «O Correio» tem a honra de registrar.

Centenario de Wagner. — Promovido pela revista *Dionysos*, revista de litteratura, sciencia e arte, realiza-se no dia 22 de Maio o 1.º centenario de Ricardo Wagner. Entre os admiradores do grande vulto ha já um febril entusiasmo por esta festa, que vae consagrar a sua memoria e a revista *Dionysos* conta ser secundada n'esta celebração por elementos de destaque no nosso meio artistico. Haverá um concerto em que se excentará um programma exclusivamente *Wagneriano*, assim como uma conferencia sobre a vida e a obra do artista.

Os bilhetes devem ser postos á venda no proximo sabbado em todas as casas de musicas e na bilheteira de Passos Manoel.

A commissão promotora é composta de Dr. Aarão de Lacerda, Raul Martins, D. Simeão Pinto de Mesquita, D. Bernardo de Aragão e Mario Pacheco.

SPORT

Esgri-ma. — Com a coadjuvação d'alguns dos seus socios de sala, realiza a direcção do «Grupo d'Armas e Sport», uma festa de esgrima nos proximos dias 20 e 27.

No primeiro dia poule entre duas equipas de que são «captains» os srs. Raul dos Santos e tenente Luiz d'Oliveira.

Pertencem á primeira equipe os srs.: Raul dos Santos, Luiz Guedes Brândão de Mello, Luiz Semeão Pinto de Mesquita e Candido Motta.

A segunda pertencem os srs. Tenentes Luiz d'Oliveira e Ramires, capitão Antonio de Sousa e dr. Humberto Mendes Correia.

No segundo dia haverá um Match entre o distincto esgrimista Adolpho Basto Correia e os quatro que ficaram classificados em primeiro logar na poule do primeiro dia.

Está combinado que nas duas noites, o elegante salão de festas do Jardim de Passos Manoel será um ponto de reunião distinctissimo.

A classificação no ponto será por victoria no melhor de 5 toques.

Os «matchs» principiam ás 9 horas da noite.

Agradecemos os convites que a digna direcção nos enviou.

Concurso hyppico. — Na 2.ª quinzena de Junho realiza a grande festa hyppica realizada pelo Centro Hyppico do Porto no seu magnifico campo do Bessa.

Sá da Bandeira — Companhia do Republica. Espectaculos variados com as peças mais interessantes.

Olympia — A's 8 1/2 e 10 1/2. A revista Zig-zag.

Cynematographos

Jardim Passos Manoel — 8 1/2, 9 1/2 e 10 3/4. Sessões variadissimas.

Salão High-Life — 8 1/2, 9 1/2 e 10 3/4. Interessantissimas sessões.

Salão Pathé — 8 1/2, 9 1/4 e 10 1/2. Primorosas sessões. As interessantes fitas *A Conspiradora* e *a Sciencia fatal*.

Agua d'Ouro — 8 1/4. Magnifica sessão permanente.

Um novo theatro. — Com o titulo *Eden-Theatro* vae inaugurar-se, no Porto, um novo theatro.

Pelo repertorio que acabamos de ler, e conhecendo a companhia que vae inaugurar a nova casa de espectaculos, facil é ver que a Empreza se não poupa a esforços para dotar a cidade com um theatro magnifico, cheio de confortos e de distrações.

No proximo numero fallaremos com mais vagar do novo theatro, a cuja empreza desejamos todas as prosperidades.

Anuncios

V. de Lemos Peixoto

Com o curso de oto-rhino-laryngologia da Faculdade de Medicina de Paris. Ex-discipulo dos Drs. Castex, Lermoyez e Lombard.

Tratamento medico e cirurgia de todas as doenças do nariz, garganta e ouvidos. Aplicações electricas.

Consulta da 1 ás 5 na rua Formosa, 295

Dr. M. Forbes Costa

CIRURGIÃO DOS HOSPITAES
Antigo assistente das clinicas de Paris,
Berlim, Londres e Vienna

Doenças genito-urina-rias,
venereas e syphiliticas

Diagnostico e tratamento da syphilis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.º
DAS 3 ÁS 5 HORAS
Telephone, 1-43

O Realista

SEMANARIO MONARCHICO PORTUGUEZ

— DO —

RIO DE JANEIRO

Principaes collaboradores:
Alvaro Pinheiro Chagas
Cons. Fernando Martins de Carvalho
D. José Paulo da Camara.

Artigos frequentes de Ayres de Ornelas, Eduardo Lupi, Henrique de Paiva Couceiro, Luiz de Magalhães, Saturnio Pires, etc., etc.

Assigna-se:
Em LISBOA: na agencia do semanario monarchico *O Correio* — Largo de S. Paulo, 12.

No PORTO: na administração de *O Correio* — Rua de Passos Manoel, 177-1.º

Em PARIS: na agencia de *O Correio* — 6, Rue Duban.

Preço da assignatura por um anno:
3\$000 reis fortes, ou 15 francos.

A cobrança pelo correio importa em mais 400 reis fortes ou 50 centimos.

PHARMACIA DE 1.ª CLASSE

DE

LEMOS & FILHOS.

Unicos preparadores do superior medicamento

FOSPIODOGLICINA

Succedâneo vantajoso do oleo de figados de bacalhau e das suas emulsões. Indicado contra as escrofulas, Kachitismo, Anemia, Neurasthenia, etc. Este medicamento é o unico ensaiado com seguro exito em todas as casas de beneficencia do Porto e aconselhado por professores da Escola Medica, directores de hospitais, etc., etc.

MEDALHA DE PRATA

NA

Exposição do Rio de Janeiro

1908-1909

Marca registada em todos os paizes.

Consultorio Homœopathico

— DO —

Dr. Antonio de Carvalho

Medico da enfermaria homœopathica do Hospital Geral da Misericordia do Porto, com pratica nos hospitais homœopathicos de Paris, etc.

Doenças do coração e Clinica Geral.

Rua da Boa Hora, 7 (Residencia)

Das 12 ás 2 da tarde

FLORES
Para modas, de laranjeira, rames, corbas, preparos para flores, artigos religiosos.
MAISON S. JOSEPHE
Rua Augusta, 233

COMPANHIAS DE SEGUROS

La Union y el Fenix Español
de Madrid

Union Maritime de Paris

Mannheim de Mannheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gas, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos portos e transportes de qualquer natureza.

LINA WAYER & C.ª

R. da Prata, 59-1.º — LISBOA

Casa Editora de Musicas

DE

EDUARDO DA FONSECA

Pianos e orgãos. — Completo sortimento de musicas, cordas e accessorios para instrumentos, importados dos melhores fabricantes italianos.

8 — Praça de Carlos Alberto — PORTO

Telegr. Eduarfonse — PORTO

Teleph. 246

Recommendamos as excellentes e magnificas PENNAS

D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva dos fabricantes inglezes **D. LEONART & C.ª**

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal.

Alvaro Pinheiro Chagas (Anselmo)

Joaquim Leitão

OS CEM DIAS FUNESTOS

(Processo e condemnação do ultimo presidente do conselho de 1910,

Antonio Teixeira de Souza e do seu livro «Para a Historia da Revolução»)

Um volume de 550 paginas illustrado

PREÇO 2\$000 REIS

A' venda nas principaes livrarias

Notas d'um Lisboaeta

2 bellos volumes
Preço 1\$200 reis

A' venda nas principaes Livrarias.



COMPAGNIES DE NAVIGATION

SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.
A 20 de Maio o paquete *Burdigala*.

A 3 de Junho o paquete *Divona*.

Linhas commerciaes. Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 28 de Maio o paquete *Samara*.

Para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 11 de Junho o paquete *Garonna*.

Para Bordeus.

A 19 de Maio o paquete *Valdeia*.

A 30 de Maio o paquete *Garonna*.

A 8 de Junho o paquete *Seguana*.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandesa)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres.

A 19 de Maio o paquete *Zelandia*.

A 9 de Junho o paquete *Hollandia*.

Recebendo passageiros de 1.^a intermedia e 3.^a classe.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 11 de Junho o paquete *Frisia*.

A 21 de Maio o paquete *Hollandia*.—Recebendo passageiros de todas as classes.

Linha Cyp. Fabre & C.^o

Para Providence e New-York, e mais cidades dos Estados Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal.

A 21 de Maio o paquete *Zealandia*.

A 25-30 de Maio o vapor *Cambodge*. (Directo só para carga e não vae aos Açores.

Recebendo passageiros de 1.^a, 2.^a e 3.^a classes.

Para Marselha.

A 27 de Maio o paquete *Roma*.

Recebendo passageiros de todas as classes.

Preço das passagens em 3.^a classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc. quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.^o

NO PORTO

EM LISBOA

Largo de S. Domingos, 62-1.^o

Praça Duque da Terceira, 4.

Tel. 415

Confeitaria Oliveira

— DE —

José Miguel d'Oliveira & C.^a Succ.^{es}

Importadores directos das principaes casas de Paris, Londres, Berlin, Turin, e Suissa.

Fornecedores de lanches, almoços e jantares no Porto e Provincias:

Fabrico diario de confeitaria, pastelaria, pratos de cosinha, e doce, proprios para presentes, etc.

Magalhães & Moniz, L.^{da} LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e letras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.
Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1863

II, Largo dos Loyos, 14—PORTO

ALBANO RAMOS PAES

3, RUA DO CORONEL PACHECO, 3

Telephone, 393

End. teleg. NOVIDADES

Tem a honra de participar ás suas Ex.^{mas} Freguezas que já recebeu a maior parte do seu sortido para verão, escolhido pessoalmente nas primeiras casas de Paris.

Enxovaes para casamento — Execução perfeitissima

Ateliers de vestidos e roupa branca

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

PARA A COSTA

OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 23 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

Laboratorios

44, R. José Falcão, 52—TELEPHONE, 702

Porto—Portugal.

THERAPIA

Nucleo Pharmaceutico do Porto, Limitada

Empolas com líquidos injectaveis e anesthetics
Algodões, gazes, sedas, catéguts, drenos, etc., esterilizados
Leite, seus derivados (Kephyr, Babeurre, etc.)
Soros therapeuticos.

Secção d'analyses

Ferros cirurgicos
Formolia e appparelhos para sua utilisação
Seringas e agulhas
Esterilisação de pensos, ferros e roupas para operações.
Algodão iodado

Algodões e gazes medicinaes
Nazol
Bórcina
Polvilho antiseptico
Sabonetes medicinaes
Dentifricios, etc.

Desconfiar das imitações.

Exigir sempre origem THERAPIA.

Lemos, Lencart & C.^a

ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Depósito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO